

# HISTÓRIAS DE VIDA: A TÉCNICA DO BIOGRAMA 97 AM

**Nídia Azevedo**

## **Introdução**

No âmbito do estudo das histórias de vida, um método sugerido na análise das trajetórias de vida do sujeito é o biograma. Este método teve origem nos estudos droga-crime de Agra e Matos (1997), contudo, pode ser utilizado em diversas áreas: na intervenção com jovens, vítimas, agressores, entre outras. Tem sido explorado, particularmente, em situações que envolvem comportamentos desviantes, pelo que o enquadramento que se segue estará mais ligado a este contexto.

No século XX, era salientada a importância de ter em atenção a subjetividade do sujeito, nomeadamente no estudo das carreiras delinquentes e do desenvolvimento do comportamento dos sujeitos. Há uma deslocação da tese determinista do positivismo sobre o comportamento humano para uma visão do sujeito como um ser ativo, procurando entendê-lo a partir do seu ponto de vista, através da forma como este se vê a si mesmo. Ao mesmo tempo, estuda-se os processos, numa perspetiva temporal, que permita explicar e compreender o comportamento humano (Cusson, 2007).

A revolução científica dos anos 60 na criminologia emerge da transformação que desvaloriza o estudo das causas em favor do estudo dos processos, admitindo o indeterminismo do ser humano e a responsabilidade dos sujeitos pelos seus comportamentos, tornando o sujeito-objeto num sujeito-ator social, a par da ideia de que cada conduta envolve um ator, num contexto e tempo específicos (Agra & Matos, 2007; Pina, 2012).

Salienta-se, também, o facto de nos anos 80 a pesquisa qualitativa que usava a biografia para explicar os processos (trajetórias) ter tido uma grande importância nas ciências sociais, humanas e comportamentais (Agra & Matos, 2012). A análise de questionários e a pesquisa quantitativa falhavam, dado que não tinham em conta todas as dimensões do fenómeno (temporal e processual). As metodologias biográficas permitiam aceder a um comportamento contextualizando-o num conjunto mais global de acontecimentos da

vida do sujeito, possibilitando uma melhor explicação de uma situação específica considerada como problemática.

A biografia foi considerada, por muitos autores, como o único método de compreender e explicar o comportamento dos sujeitos. Já nos anos 30 do séc. XX, tinha sido usada por Shaw (cf. in *ibid.*) no estudo da delinquência juvenil, em Chicago e, mais tarde, por Sutherland no estudo da história de vida de um ladrão profissional.

A história de vida permitia a compreensão dos significados que os sujeitos atribuíam às situações que experienciavam, entrando no seu mundo e percebendo a sua própria perspectiva (Shaw cf. in Pina, 2012).

Genericamente, a biografia consiste no autorrelato das experiências de vida pelos próprios sujeitos - autobiografia. De acordo com a tradição da Escola de Chicago, esta deve ser complementada com outras fontes de informação, como por exemplo, fontes documentais, designando-se estes dados como heterobiográficos (Cullon, cf. in *ibid.*).

### **Estudo das trajetórias**

O estudo das trajetórias caracteriza-se pela sua abertura a explicações processuais do comportamento dos sujeitos. Esta abordagem dá especial atenção à subjetividade e intenção, organizando diferentes trajetórias existenciais (início, curso habitual e continuidade). Supõe-se que os indivíduos são "ativos, fazem escolhas e, às vezes eles fazem o inesperado" (Grapendaal et al., cf., in Agra, 2002, p. 14).

Procura-se dar uma visão temporal do percurso existencial dos sujeitos com seu *background*. Processos, acontecimentos e mudanças são considerados em diferentes momentos da vida do sujeito e integrados na sua história de vida. Isto irá permitir compreender mais plenamente o seu sentido e o impacto que aqueles têm sobre as escolhas que o sujeito faz na sua vida.

Todavia, as trajetórias só podem ser estudadas através de uma perspectiva longitudinal (Agra & Matos, 2012). Propomos o seu estudo utilizando a adaptação do método biograma, através do estudo longitudinal retrospectivo para reconstruir a história do sujeito vida.

O Biograma permite "uma visualização clara e objetiva das trajetórias existenciais dos sujeitos em vários níveis" (cit. em Agra, 2002, p. 24 , Agra & Matos, 1997), como a família, o trabalho, a escola, o relacionamento social, e outras dimensões relacionadas com objeto específico de estudo.

Na apresentação seguinte vamos definir alguns conceitos relevantes e questões específicas relacionadas com a aplicação do método biograma e como ele pode ser aplicado a uma problemática diferente. Pretende-se levantar hipóteses e discutir a pertinência da sua adaptação para o trabalho na área da educação, nomeadamente, quais as dimensões a incluir neste instrumento.

## **1. Trajetórias, biografia reconstruída e o método biograma**

### **- Definição de "trajetória"**

O conceito de trajetória tem particular relevância e pretende integrar e incorporar as informações referentes a cada domínio da vida do sujeito. Tem em conta uma dimensão temporal, passando por diferentes períodos de desenvolvimento do sujeito (infância, adolescência, idade adulta) e não se limita a uma simples evolução por fases com uma sequência temporal específica. Permite-nos fazer uma abordagem processual focando o comportamento do sujeito no contexto de sua história de vida (Negreiros, 2001; Agra & Manita, 2002; Manita, 2001).

O estudo de trajetórias tem em conta a temporalidade, sequência e importância dos eventos na vida do sujeito, a ligação entre eles e a atribuição de significados (ibid.).

Uma "trajetória desviante" pode ser definida como "uma série ou sequência de cargos, funções e *status* social, ações, eventos e atividades desviantes que são significativamente relacionadas entre si, em torno do qual o sujeito organiza partes de sua vida" (Faupel cit. in Agra & Manita, 2002, p. 46).

### **- O biograma como método de pesquisa**

O biograma é o método específico para estudar trajetórias de vida. Foi criado para estudar trajetórias num projeto de Agra e Matos (1997) sobre a relação entre drogas e criminalidade - "Droga-crime: Estudos interdisciplinares - trajetórias desviantes", estudando os dois tipos de comportamento no contexto de vida desviante dos sujeitos.

Contudo, pode ser utilizado em "contexto de investigação e intervenção em diferentes áreas (dependências, delinquência juvenil, intervenção com vítimas e agressores com, e outras...)" (Manita, 2001, p. 59).

O Biograma tem como objetivo permitir reunir e visualizar dados resultantes da heterobiografia (definida abaixo). Pretende ser um ponto de partida para a recolha de dados autobiográficos e um facilitador da realização da entrevista, destacando os níveis de análise que se pretende explorar, a sequência e os tipos de comportamento desviante e/ou criminal na vida dos sujeitos, entre outras dimensões consideradas (Agra & Matos, 1997; Agra & Manita, 2002). Assim, permite uma visualização clara e objetiva das trajetórias existenciais dos sujeitos (cf. in Agra, 2002).

O Biograma é eficaz:

- a) como um instrumento de pesquisa de trajetórias;
- b) como uma grelha de leitura teórica dos processos que sustentam essas trajetórias;
- c) como instrumento de aconselhamento psicológico (ex: GEAV na intervenção com vítimas) (Agra & Manita, 2002).

### **- O biograma e a biografia reconstruída**

Quando aplicamos o biograma estamos a fazer uma biografia reconstruída. Consiste na reconstrução da história do sujeito, combinando os dados heterobiográficos em arquivos disponíveis sobre o sujeito e dados autobiográficos resultantes de entrevistas com cada sujeito.

Passemos a definir três conceitos, nomeadamente a biografia, heterobiografia e autobiografia.

Legrand (cit. in Agra & Manita, 2002, p 39) define biografia como "a vida de um único sujeito, entendida no seu tempo e percurso histórico". É utilizada como um instrumento de pesquisa, mas, também, como objeto de análise.

A heterobiografia corresponde a fatos significativos na vida dos sujeitos, recolhidos e registados por outros, numa multiplicidade de fontes documentais.

A autobiografia é recolhida com o uso de entrevistas com o mesmo sujeito, com o objetivo de analisar a heterobiografia através do seu ponto de vista. Dessa forma, ele pode validar, negar ou alterar informações recolhidas no biograma, através da primeira etapa da análise documental. Assim, cada uma das dimensões do biograma é analisada pelo sujeito e os dados recolhidos através do heterobiografia e da autobiografia são graficamente traduzidos no biograma.

A história de vida permite-nos dar conta das diferentes maneiras de se relacionar com as normas, valores e a transgressão. Possibilita compreender como o sujeito se localiza em relação às condições sociais em que vive para abordá-lo como um sujeito capaz de distanciar-se e de refletir, capaz de transcender a rotina diária em que ele está tão profundamente envolvido, por referência aos projetos de vida. A história de vida mostra-nos formas de gestão da vida, e é “uma excelente forma de aceder ao processo, teorias e significados comportamentais e existencialistas” (Debuyst, cf. in Agra & Manita, 2002, p 40; Digneffe cf. in ibid.).

Usando esta metodologia pretende-se analisar as diferentes fases na trajetória do sujeito e regularidades que as mesmas reúnem num tempo biográfico. Isso torna possível o acesso não apenas a regularidades do fenómeno, mas também singularidades, subjetividades e significados que os sujeitos expressam.

## **2. Aplicação/construção do biograma (Agra & Manita, 2002; Agra & Matos, 1997)**

Os dados heterobiográficos são transpostos para uma grelha de análise de dados, o que torna possível fazer um tratamento de dados quantitativos (descrição da amostra).

Em segundo lugar, passamos a organizar toda a informação em forma de um gráfico. A chamada folha do biograma (exemplo de um biograma construído).

Então, é mostrado ao sujeito o gráfico e o que está lá representado. Verifica-se com ele toda a informação recolhida para assegurar que nada está a faltar, ou que não é necessário mudar, remover ou adicionar elementos. Quando concorda que os elementos fundamentais e momentos da sua trajetória estão lá representados, um outro método é usado: o sujeito é convidado a dividir sua vida em diferentes fases, que são marcadas no gráfico.

Depois de identificar as diferentes fases ou ciclos da sua vida, é pedido aos participantes que os nomeiem ou rotulem, explicando cada um deles. Este momento concentra-se mais sobre os significados e sentidos existenciais.

No final é feita uma narrativa resumida da história de vida do sujeito.

Finalmente, o biograma é refinado e completado com novos dados relatados na autobiografia. É então tempo de ser analisado.

O desenho final de cada biograma permite a leitura da evolução de cada sujeito em cada domínio. Fazemos isso através da codificação de cores para melhor visualizar as informações (Agra & Matos, 1997). Essa codificação de cores brevemente informa-nos sobre a evolução em diferentes áreas da vida do sujeito, regularidades/eventos inesperados, principais mudanças que ocorreram e os principais acontecimentos da vida do sujeito.

### **3. Dimensões importantes a incluir no biograma para jovens/crianças**

Os indivíduos são identificados através de um número de codificação (ID).

A linha central no biograma representa a idade do sujeito, o seu desenvolvimento através da evolução do tempo. As outras linhas representam as áreas mais importantes para análise a serem consideradas no estudo.

O Biograma tem tantas linhas horizontais quantas forem as dimensões que se pretende abordar. Cada dimensão que se segue tem em conta a revisão da literatura científica na área de estudo e áreas importantes da vida do sujeito.

Este desafio de adaptar o biograma para o trabalho com jovens em contexto educativo leva necessariamente à identificação das áreas de maior relevo e impacto no comportamento juvenil. Para tal, foi revista literatura científica sobre o tema, nomeadamente, sobre a influência de certas dimensões ao nível do comportamento violento ou delinquente nas crianças ou jovens. Tal permitirá definir as dimensões a integrar no biograma, constituindo este uma forma didática de colocar o jovem a refletir sobre a sua própria história de vida, atribuindo-lhe significados.

Também a necessidade de identificar os jovens que podem exigir mais atenção, intervenção ou supervisão, necessita de um processo mais sistemático de análise do seu percurso nos vários domínios da sua vida (Borum, 2000). A conceção atual sobre a avaliação do risco da prática de determinados comportamentos em jovens, designadamente, comportamentos desviantes, é predominantemente contextual (depende das situações e circunstâncias da vida do sujeito), dinâmica (suscetível de mudança) e contínua (varia num contínuo de probabilidade) (National Research Council cf. in *ibid.*).

Assim, há um conjunto de áreas que a literatura científica tem vindo a salientar como objeto de análise nos jovens pela sua influência no seu comportamento. Veremos cada uma delas, apontando alguns dos resultados empiricamente demonstrados, de forma a salientar alguns dos aspetos que devem ser tidos em conta quando se analisa a história de vida dos jovens, em contexto educativo ou não.

Em primeiro lugar serão apresentados fatores relacionados com **a família**. Importa conhecer o tipo de funcionamento do sistema familiar, se há desajustamentos ou problemas, como por exemplo, criminalidade parental e atitudes de suporte a comportamentos desajustados (Loeber & Farrington, 2000); os níveis de comunicação com os pais e a qualidade dos laços familiares estabelecidos, sendo que fortes laços podem ser um fator protetor em relação ao início de comportamentos delinquentes, embora a literatura não seja consensual neste aspeto e a existência de conflitos familiares, discórdia, relacionamento familiar violento que podem aumentar o risco de condutas desviantes entre os jovens (Elliott, cf. in Borum, 2000; McCord cf. in *ibid.*).

Sobre o estilo de supervisão parental, os estudos demonstram que a falha parental na definição de expectativas claras para a conduta das crianças e a supervisão/disciplina excessivamente severa ou inconsistente estão muito ligadas ao desenvolvimento de comportamentos delinquentes e consumo de substâncias pelos jovens (Farrington, 2003; Hawkins et al., cf. in Borum, 2000; McCord et al., cf. in *ibid.*).

Uma segunda dimensão seria **a escola**. Problemas relacionados com a escola têm sido associados à violência entre os jovens, incluindo os baixos níveis de instrução e de realização escolar, baixo interesse na escola, abandono (antes dos 15 anos), absentismo e fraca qualidade escolar. O falhanço escolar (baixo desempenho, realização, notas baixas) no início do ensino associa-se ao aumento do risco de violência e delinquência

mais tarde (Maguin & Loeber cf. in Borum, 2000), assim como a pobre ligação ou apego à escola, particularmente em adolescentes (Maguin et al., cf. in *ibid.*).

Um outro domínio a considerar são as **relações com os pares e suporte social/pessoal**. A natureza das relações entre pares pode ser um importante para compreender e avaliar o risco de um jovem ter conduta violenta. Podemos falar em duas grandes categorias: a rejeição pelos pares e a afiliação com pares delinquentes. A primeira relaciona-se com o “ser rejeitado”, mal visto pela maioria dos colegas, o que tem um impacto negativo nos jovens. A afiliação a pares delinquentes é a tendência para a associação com outros sujeitos com comportamentos antissociais e está ligada a problemas relacionados com a escola e comportamento antissocial (Loeber & Farrington, 2003; Patterson & Dishion cf. in Borum, 2000). Os grupos de pares delinquentes parecem influenciar outros jovens que não têm historial de comportamentos violentos ou antissociais. Contudo, quando esses comportamentos aparecem primeiro na adolescência e, no contexto destas influências de pares desviantes, o comportamento é geralmente limitado à adolescência e depois há uma desistência (Moffitt, 1993). Por outro lado, a afiliação com os colegas que desaprovam esse tipo de comportamentos pode reduzir o risco de violência posterior (Elliott, cf. in Borum, 2000).

Um outro aspeto importante prende-se com o suporte social em que a presença de relações de apoio pode facilitar o sucesso da implementação de um plano de intervenção e reduzir o risco de exposição a condições de risco (Estroff & Zimme cf. in *ibid.*). As relações positivas com os outros podem servir como um fator de proteção contra o risco de violência, mas as relações hostis ou conflituosas podem aumentar esse risco. Da mesma forma que os jovens que se sentem sem esperança podem perceber que a família e amigos fornecem um apoio muito fraco, podendo torná-los mais propensos a expressar sentimentos de raiva (Kashani et al. cf. in *ibid.*).

As características da **área de residência** seriam uma outra dimensão a explorar. A revisão de Sampson e Lauritson (cf. in Borum, 2000) sobre as características da comunidade/área de residência revela uma associação com as taxas de crimes violentos e a desorganização social e mudança de zona de residência também são dois dos fatores mais importantes.

Assim, bairros com altos níveis de crime (Thornberry et al., cf. in Borum, 2000), comunidades desorganizadas (exemplo: percebidas como locais de alta criminalidade,



venda de drogas, gangues e condições precárias de habitação) aumenta a probabilidade de aparecimento de violência nos jovens em idade precoce (Loeber & Wikstrom, cf. in *ibid.*), e o início precoce de violência entre crianças ocorre de forma desproporcional nos piores bairros.

Uma outra dimensão a analisar são os **comportamentos desviantes, antissociais ou delinquentes e intervenções do sistema escolar ou de justiça**. Em adultos e jovens, o historial de conduta violenta é, talvez, o melhor preditor de violência no futuro (Farrington, 2003). Esse risco aumenta progressivamente de acordo com o número de episódios anteriores. Comportamentos antissociais e/ou prisão anterior por qualquer ato criminoso também aumenta a probabilidade de atos violentos no futuro (Parker & Asher cf. in Borum, 2000).

Comportamentos antissociais, como roubo, destruição de propriedade, fumar, vender drogas e relações sexuais precoces (antes dos 14 anos) estão ligados à violência futura entre rapazes (Hawkins et al., cf. in *ibid.*). O início precoce da violência/delinquência (especialmente antes de 14 anos) está associado a um maior risco de reincidência e de comportamentos violentos crônicos e graves (Thornberry et al., cf. in *ibid.*).

Por último, o conjunto de problemas ligados ao consumo de substâncias é um fator de risco para o comportamento violento (Loeber & Farrington, 2000) e a reincidência (Dembo et al., cf. in Borum, 2000). O uso de álcool e de substâncias ilícitas (ex: drogas) pode mediar respostas afetivas e comportamentais (Miller & Potter-Efron, cf. in *ibid.*).

Uma área importante a integrar na análise da história dos sujeitos, mas mais difícil de analisar, são os fatores relacionados com a **saúde e as características da personalidade**.

Desordens mentais ou comportamentais devem ser tidas em conta. Estudos revelam que os défices de atenção/concentração e hiperatividade estão relacionados com a violência na infância, adolescência e vida adulta (Campbell, cf. in *ibid.*; Satterfield & Schell cf. in *ibid.*). A pesquisa atual mostra que crianças hiperativas têm altas taxas de comportamento antissocial e problemas de conduta na adolescência (Barkley et al., cf. in *ibid.*).

A impulsividade tem sido caracterizada como uma instabilidade comportamental e afetiva, com flutuações acentuadas no humor ou comportamento geral e tem sido associada à violência e delinquência na juventude (Webster & Jackson, cf. *ibid.*).

Certas atitudes (sobretudo as antissociais) ou deficiências cognitivo-sociais podem aumentar o risco de comportamento violento num jovem (Andrews & Bonta, cf. in *ibid.*). Assim como a incapacidade de gerar soluções não agressivas para conflitos interpessoais e a tendência para frequentemente perceber as intenções dos outros como hostis ou agressivas, mesmo quando não o são.

Também os problemas de controlo da raiva podem desencadear violência (Novaco cf. in *ibid.*). Esta tende a ser associada a atitudes antissociais e ambas estão relacionadas com a violência nos jovens (Granic & Butler cf. in *ibid.*). A dificuldade em gerir a raiva, particularmente o temperamento explosivo, é frequentemente associado a um maior risco (Furlong & Smith cf. in *ibid.*). Contudo, a empatia, culpa, ansiedade ou medo podem inibir esse risco, funcionando como fatores protetores.

Para que possam ser integrados outros **eventos de vida significativos para o sujeito** pelo impacto que tenham no seu desenvolvimento deve existir uma categoria que o permita fazer. Attar, Guerra e Tolan (cf. in Borum, 2000) referem que eventos *stressantes* estão associados a maiores taxas de agressão (avaliado por professores) ao longo de um período de um ano. Esta relação pode ser particularmente relevante para as pessoas que tenham sido vítimas de violência (Felson, cf. in *ibid.*). Ter uma história de vitimização por abuso ou maus-tratos está associada ao aumento do risco para a violência na juventude (Smith & Thornberry cf. in *ibid.*).

A existência de perdas significativas na vida do sujeito também pode precipitar a conduta violenta, por isso, é importante conhecer possíveis perdas que podem ser materiais (objeto precioso), relacionais (morte ou separação de alguém com quem mantinha laços fortes) ou perda de *status*.

Importa também não descurar daqueles que podem funcionar como fatores que inibam o comportamento violento ou delinvente. Os estudos sugerem que a desistência é um processo difícil e longo, influenciado por vários fatores como: suporte familiar, condições da comunidade, intervenção de outros significativos para o sujeito, emprego e casar ou ter filhos (Docena, 2011).

A literatura mostra que as interpretações pessoais das transições de vida têm implicações não só para o decurso da transição, mas também para a personalidade do sujeito e do curso de vida (Brandtstadter et al., cf. in Bauer & McAdams, 2004). As visões otimistas sobre o seu futuro tornam-se um mecanismo adaptativo que faz com que seja mais fácil enfrentar um futuro que, dada a sua situação atual, pode ser altamente incerto (Docena, 2011). Finalmente, também a resiliência é um importante mecanismo que ajuda o sujeito a lidar com as suas dúvidas e gerir a sua vida relativamente bem.

Em suma, as principais áreas a integrar no biograma seriam:

- **Família;**
- **Escola;**
- **Trabalho;**
- **Grupo de pares;**
- **Área de residência;**
- **Comportamentos desviantes, antissociais ou delinquentes e intervenções do sistema escolar ou de justiça;**
- **Saúde e as características da personalidade (problemáticas principais);**
- **Eventos de vida significativos para o jovem;**
- **Frequência de atividades extracurriculares;**
- **Características do jovem reconhecidas pelo próprio.**

## **Conclusão**

Neste trabalho, apresentou-se uma metodologia diferente para aceder e analisar a complexidade e os processos envolvidos na conduta dos sujeitos. Exemplificou-se a metodologia recorrendo a um objeto de estudo específico: jovens em contexto educativo.

As situações da vida do sujeito são consideradas numa visão temporal, atendendo-se à sua trajetória existencial e à sua experiência nas diferentes áreas da sua vida.

Alguns conceitos importantes foram esclarecidos, tais como: trajetória, biograma, biografia, heterobiografia e autobiografia, a fim de entender as principais questões relacionadas com a metodologia apresentada.

Foram enunciadas as fases de construção e aplicação do biograma, seguindo os mesmos princípios da sua conceção original nos estudos droga-crime, bem como as suas potencialidades.

Usando a técnica da biografia reconstruída, o principal objetivo é reconstruir a história de vida do sujeito, através da recolha de dados hétero e autobiográficos, possibilitando, no final, o acesso às regularidades, singularidades, subjetividades e significados que os sujeitos expressam.

Conclui-se que o biograma tem benefícios múltiplos e pode ser aplicado com diferentes fins. Pode ser usado como um instrumento de pesquisa no âmbito de trajetórias desviantes, mas também como uma grelha de leitura teórica dos processos que sustentam essas trajetórias ou como um instrumento para aconselhamento psicológico.

## **Bibliografia**

Agra, C. (2002). “The Complex Structures Processes and Meanings”. In S. Brochu, C. Agra, & M.-M. Cousineau, *Drugs and crime deviant pathways* (pp.9-32). Aldershot: Ashgate

Agra, C. & Matos, A. (1997). *Trajectórias Desviantes*. Lisboa: Droga

Agra, C. & Agra, A. (2012). O Biograma 97 AM. Fundamentação, método e aplicação à relação Droga–Crime. In C. d. Agra, *A Criminologia: um arquipélago interdisciplinar* (p. 515 e ss). U. Porto Editorial

Bauer, J. & McAdams, D. (2004). Personal growth in adults’ stories of life transitions. *Journal of personality*, 72(3), 573–602

Borum, R. (2000). Assessing violence risk among youth. *Journal of clinical psychology*, 56(10), 1263–88

Cusson, M. (2007). *Criminologia*. Tradução por: Josefina Castro. 2ª ed.. Cruz Quebrada: Casa das Letras

Farrington, D. (2003). Developmental and life-course criminology: key theoretical and empirical issues-the 2002 sutherland award address. *Criminology*, 41(2), 221–255

Loeber, R., & Farrington, D. (2000). Young children who commit crime: epidemiology, developmental origins, risk factors, early interventions, and policy implications. *Development and psychopathology*, 12(4), 737–62

Manita, C. (2001). “Evolução das significações em trajectórias de droga-crime (II): novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes?”. *Toxicodependências*, 7, pp. 59-72

Manita, C. & Agra, C. (2002). “The study of psychological self-organization processes in deviant pathways: contributions of the biogram method”. In S. Brochu, C. Agra, & M.-M. Cousineau, *Drugs and crime deviant pathways* (pp. 33-50). Aldershot: Ashgate

Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674– 701

Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis: trajectórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Notícias

Pina, M. (2012). Aplicação do “Biograma-97 AM” em Contexto Prisional Suíço. In C. d. Agra, *A Criminologia: um arquipélago interdisciplinar*. U. Porto Editorial. (p. 535 e ss)